



A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

THE CINEMATIC LANGUAGE IN THE LITERACY PROCESS OF LITTLE CHILDREN

AMANDA MARIA FRANCO LIBERATO¹
amandaliberato10@yahoo.com.br

LIGIA DE CARVALHO ABÕES VERCELLI²
ligia@uninove.br

NÁDIA CONCEIÇÃO LAURITI³
nadia@uninove.br

RESUMO

Este artigo objetiva discutir a linguagem cinematográfica no processo de alfabetização de crianças pequenas. Busca-se responder à seguinte pergunta: A linguagem cinematográfica, se bem utilizada por professores alfabetizadores de crianças pequenas, favorece o processo de alfabetização? A pesquisa foi realizada em uma sala de 1º ano do Ciclo I de uma escola pública localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo. Como referencial teórico, foram utilizados os seguintes autores: Moran (1995a; 2000); Fantin (2007b) e Freire (2002; 2003; 2004; 2010a; 2010b; 2011). Concluiu-se que, quando a linguagem cinematográfica é utilizada de maneira planejada e organizada, traz benefícios no processo de alfabetização dos pequenos, uma vez que se trata de uma atividade lúdica significativa que mobiliza os diferentes sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização da criança • Educação lúdica • Difusão cinematográfica.

ABSTRACT

This article aims to discuss the cinematic language in the literacy process of little children. It seeks to answer the following question: The cinematic language if well used by literacy teachers of little children favors the process of literacy? The research was carried out in a room of a first year of the cycle I of a public school located in the eastern part from the city of Sao Paulo. As theoretical framework are used the following authors: Moran (1995a; 2002); Fantin (2007) and Freire (2002; 2003; 2004; 2010a; 2010b; 2011). It was concluded that when the feature film is used as planned and organized method it brings benefits in the literacy process of the children once this is a meaningful of ludic activity that mobilizes the different meanings.

KEY WORDS: Literacy of children • Education playful • Cinematographic.

- 1 Mestranda em Educação na Universidade Nove de Julho. Pedagoga com especialização em alfabetização escrita e numérica. Professora da rede estadual de educação
- 2 Doutora e mestre em educação. Graduada em Psicologia e Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) na Universidade Nove de Julho.
- 3 Mestre em linguística. Pedagoga. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho.



INTRODUÇÃO

Devido à mudança cultural, principalmente visual, da nossa sociedade quanto à tecnologia, faz-se necessário que os processos de construção do conhecimento sejam repensados, a fim de explorar os avanços tecnológicos e, com isso, despertar e estimular o interesse dos educandos nos momentos de construção do saber.

No processo de alfabetização, é papel do educador saber que cada aluno aprende de uma forma e em uma velocidade diferente, portanto, é extremamente necessário que os instrumentos de ensino sejam diversificados, a fim de contemplarem a necessidade de cada educando.

Segundo estudos de Moran (1995b), o vídeo é um recurso riquíssimo, uma vez que somos atingidos por todos os sentidos e de diferentes maneiras, despertando nos expectadores o desenvolvimento da competência leitora nas múltiplas linguagens (visual, escrita, auditiva).

Moran (1995) e Napolitano (2003) discutem o uso do cinema para os adolescentes, mas esse assunto não foi muito explorado no âmbito da alfabetização, embora saibamos que o filme é um recurso prazeroso para a criança, porque abrange todos os órgãos sensoriais.

Faz-se necessário, assim, um estudo aprofundado da linguagem cinematográfica para essa faixa etária, à medida que existem três tipos de lógicas sensoriais dos alunos: a dos visuais, dos auditivos e dos cinestésicos. Por essa razão, o professor necessita utilizar diferentes recursos para que possa atingir todos os seus alunos durante o ensino, sobretudo no processo de alfabetização.

Infelizmente, muitos educadores fazem um uso inadequado dos vídeos utilizando-os como passatempo, sem objetivos definidos e sem exploração do conteúdo assistido, tornando-os ineficazes como recurso de aprendizagem. Dessa forma, é necessária uma formação específica para que os educadores incluam em suas aulas essa ferramenta pedagógica valiosíssima. Moran (2000, p. 22) ressalta que “sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância”.

Por meio da linguagem cinematográfica, o educador consegue aliar teoria e prática, já que ela reproduz, de forma fiel, nossas angústias, alegrias, conquistas, fazendo com que a criança vivencie e compreenda melhor o que se passa no mundo a sua volta. Trata-se de um processo de construção do significado de um texto visual que pode contribuir, também, com a aquisição da leitura e do texto escrito.

Diante do exposto, este artigo objetiva discutir a linguagem cinematográfica no processo de alfabetização de crianças pequenas. Busca-se responder à seguinte pergunta: A linguagem cinematográfica, se bem utilizada por professores alfabetizadores de crianças pequenas, favorece o processo de alfabetização? Para tal, realizou-se observação direta em uma sala de 1º ano do Ciclo I em uma escola pública localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo. Escolheu-se esse procedimento de coleta de dados, pois segundo Ludke e André (1986):

[...] possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de



vantagens [...] é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno [...] o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado [...] permite que o observador chegue mais perto da "perspectiva dos sujeitos [...]"

Parte-se da hipótese de que, se os professores se apropriarem dessas estratégias e planejarem suas atividades com objetivos claros para o desenvolvimento da competência leitora da criança, tornar-se-á possível utilizar a linguagem cinematográfica como um recurso produtivo e eficaz que poderá auxiliar no processo de alfabetização das crianças. Como referencial teórico, recorreu-se aos seguintes autores: Moran (1995; 2000); Fantin (2007) e Freire (2002; 2003; 2004; 2010a; 2010b; 2011), que serão discutidos a seguir.

A linguagem cinematográfica como recurso didático no processo de alfabetização

Atualmente, os avanços da tecnologia são tantos que, muitas vezes, somos ultrapassados por eles em um piscar de olhos. Vive-se em ambientes cada vez mais tecnológicos que apresentam diferentes recursos midiáticos. Pode-se afirmar que essa mudança espelha a cultura visual que caracteriza a sociedade atual.

A comunicação é uma necessidade primária do ser humano, embora a compreensão dela varie de um indivíduo para outro e altera-se, de acordo com o contexto sócio-histórico. Com isso, podemos considerar o conceito de mídia-educação, arpa discutir a relação entre a educação e os veículos de comunicação.

Segundo Freire (2010b, p. 69) "A educação é comunicação, é diálogo, na medida

em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados". Para ele, a comunicação é "[...] co-participação dos sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos". Complementa ressaltando que: O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo" (FREIRE, 2010b, p. 66-7).

Nesse sentido, entende-se a importância da linguagem cinematográfica na educação para que a criança possa dialogar/discutir com o professor suas impressões a respeito dos significados que atribuiu à fita exibida. Assim, a educação torna-se problematizadora, oposta à educação bancária, termo instituído por Freire (2002) para se referir-se às práticas educativas pautadas pela transmissão de conhecimento, pela recepção passiva dos conteúdos transmitidos pelo educador ao aluno. Nessa forma de educar, de acordo com o autor "[...] Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça [...]" (FREIRE, 2010a, p.38).

Fantin (2007a) afirma que é possível agregar a linguagem cinematográfica ao currículo escolar, a fim de contribuir na formação crítica e criativa dos alunos, transmitindo valores por meio da discussão dos mais variados temas e auxiliá-los a desenvolver as habilidades de leitura pelo exercício de construção de significado.

A autora também ressalta que a linguagem cinematográfica é um agente socializador, pois pode ser discutida como veículo de consciência intercultural, a partir da cinematografia dos diferentes países. "Os filmes envolvem uma realidade cultural



constituída de ideias, princípios, obras e realizações que fazem parte do patrimônio de toda a humanidade” (FANTIN, 2007, p. 3). Outra característica da linguagem cinematográfica é dar visibilidade sociocultural aos fatos, já que se constitui um “extraordinário documento” para o estudo da história recente.

Acrescenta-se que é possível discutir a consciência intercultural de alunos e/ou seus familiares. Muitas crianças, mesmo que não nascidas em determinada região do nosso país, possuem parentes que imigraram dos mais diversos lugares e que, por meio da linguagem cinematográfica entram em contato com suas raízes.

Freire (2004) ressalta que os educadores progressistas não podem desconhecer a televisão, mas usá-la e, sobretudo, discuti-la. O mesmo aponta-se para as demais mídias e, nesse caso, a linguagem cinematográfica, pois de acordo com o autor “[...] toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido [...]” (FREIRE, 2004, p. 139). Discutir esse contexto faz com que a educação seja dialógica, crítica, isto é, possibilita que os homens, no caso as crianças, possam criar, transformar o momento de aprendizagem.

No contexto europeu, a linguagem cinematográfica tem presença marcante, mas, na educação brasileira tal prática está longe de ser consolidada. Ainda que o uso desse recurso seja evidenciado em diversos estudos e, apesar de seus mais de cem anos de existência, parece que a escola brasileira está descobrindo sua utilização tardiamente.

Afinal, trabalhar com a linguagem ci-

nematográfica em sala de aula, segundo Napolitano (2003, p. 11), ajuda o professor “[...] a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.

Para um professor que prepara suas aulas sempre há um gênero de filme que se encaixe no tema a ser explorado, mas cabe ao professor escolher a película adequada para cada faixa etária, bem como a abordagem pedagógica pertinente. A linguagem cinematográfica é rica em informação e as escolas, na maioria das vezes, utilizam-na apenas para esse fim.

É nesse limiar entre o uso “escolarizado” que restringe o cinema a recurso didático e o uso do cinema como objeto de experiência estética e expressiva das dimensões da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens e inventividades humanas que podem inspirar ou ampliar outras práticas escolares que situo a importância de redimensionar tal caráter instrumental do cinema (FANTIN, 2007, p. 4).

A linguagem cinematográfica faz a ponte entre o real e o imaginário, uma vez que se aproxima das representações pictóricas da vida mental, onde as imagens ganham certo grau de realidade.

Moran (1995, p. 28) afirma que o ver, na maioria das vezes, está apoiando o falar, portanto, aproxima-se da comunicação vivenciada no cotidiano das crianças. Desse modo, afirma que: “A narração falada ancora todo o processo de significação”.

Teixeira e Lopes (2003) relatam a preocupação com os processos educativos, uma vez que tratam a educação como uma completa arte de tecer vidas e identidades humanas, presentes tanto na vida do educando quanto do educador.



A linguagem cinematográfica é um resgate da memória individual, coletiva e histórica, fazendo com que o espectador viva o passado, o presente e o futuro. É o meio de explorarmos os problemas diários, expondo aos nossos olhos a realidade.

É de suma importância que o professor use a linguagem cinematográfica infantil como estratégia de ensino, já que ele desperta a criatividade, mas, infelizmente, a relação cinema - educação é pouco explorada e é comum encontrarmos professores que utilizam a linguagem cinematográfica somente como “tapa-buraco”, ao invés de explorá-la como fonte de conhecimento, uma vez que carrega em si a essência do ser humano.

A força das imagens e dos diálogos criados pelos filmes infantis pode produzir para a educação bons resultados que, na maioria das vezes, são desperdiçados ou subaproveitados.

Machado (2002) compara os filmes com livros na biblioteca, embora disponíveis, são raramente utilizados. Uma das razões é a falta de conhecimento dos professores, no que se refere a como fazer a mediação ao trabalhar com a linguagem cinematográfica que poderia ser escolhida e discutida para desenvolver a leitura, bem como planejar estratégias e formas de motivação para envolver os educandos.

Infelizmente, até hoje, alguns professores entendem que o uso dos filmes implicaria o abandono do conteúdo das disciplinas escolares, pois falta o entendimento de que a película seria um ponto de referência para os temas estudados. Entretanto, vale ressaltar que os filmes são recursos culturais produzidos pela humanidade, que podem e devem ser utilizados como ferramentas do trabalho educativo nas escolas.

A esse respeito, Moran (1995, p. 29) afirma que:

Estes meios não podem e não devem se transformar em fins, ou seja, que computadores, vídeos, internet ou qualquer outra tecnologia introduzida nas escolas e utilizada em aulas nada são além de ferramentas ou instrumentos que nos permitem facilitar e dinamizar o processo de ensino – aprendizagem, não deve ser, portanto, encaradas como a solução para os sérios problemas que os educadores têm que enfrentar no que se refere a relacionamentos com alunos, disciplina ou intercâmbio com outras instituições sociais.

Portanto, a linguagem cinematográfica deve ser utilizada como recurso pedagógico, amparando as aulas dos professores, não devendo ser o único instrumento de ensino, uma vez que aborda de maneira metafórica alguns temas e é dever do professor explicar didaticamente os conteúdos apresentados.

Fantin (2007, p. 2) também defende a utilização da linguagem cinematográfica pelos professores que deve ser utilizada com objetivos educativos.

A sociedade contemporânea tem apresentado imensos desafios para os que atuam com educação [...]. Por mais que se fale que as atuais gerações de crianças e de jovens cresceram com a TV, com o vídeo, com o controle remoto, e embora nos países periféricos apenas uma minoria possua computador e internet, por mais que nos perguntemos o que isso significa, o entendimento a respeito das mudanças propiciadas pelas mídias e pelas redes ainda está longe de ser suficientemente problematizado na formação de educadores e na prática pedagógica.

Infelizmente, muitos professores não possuem vivência cultural para selecionar um filme adequado; uma saída é a formação desses educadores, a fim de se minimizar a dificuldade quanto à reflexão sobre a



relação entre as mídias e a educação. Capacitar os educadores torna-se necessário para que eles possam mediar a construção do conhecimento partindo daquilo a que assistem para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos. Nesse sentido, Moran (1995, p.29) alerta que: "A linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo, enquanto que a linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização e a análise lógica".

O professor precisa pesquisar, a fim de estabelecer novas pontes entre o vídeo e a sala de aula, pois se trata de um recurso riquíssimo para o desenvolvimento tanto da competência verbal quanto da escrita.

Os professores alfabetizadores devem explorar a comunicação oral, por isso parece contraditório deixar o filme fora desse contexto. O início da alfabetização ocorre pelo contato com a leitura e a escrita. Desde que nascemos, estamos inseridos neste mundo letrado, portanto, a linguagem cinematográfica deve ser incorporada aos planos de aula, assim como a leitura de qualquer gênero textual, já que se trata de um recurso privilegiado para auxiliar o processo de alfabetização.

O educador tem inúmeras possibilidades para explorar a linguagem cinematográfica e uma delas é contrapor a leitura do texto escrito à leitura do filme com o mesmo tema. Por que não, após a leitura do texto escrito, propor aos seus alunos a leitura do filme que tenha relação com o texto lido? Atualmente, existe uma gama de filmes voltados para o público infantil, películas que abordam os mais variados temas, sempre de forma atrativa.

Durante o processo de alfabetização, o educador visa ao desenvolvimento intelectual e cognitivo dos seus alunos. Uma atividade bastante utilizada é a reescrita de textos e é, também nesse momento, que o professor pode utilizar como estratégia a linguagem cinematográfica.

Além da narração por meio de um texto literário, a arte cinematográfica é privilegiada pela presença de elementos que contribuem para a efetiva compreensão da mensagem que se deseja passar. A esse respeito Silva (2000) afirma que:

O diálogo textual não se sustenta isoladamente, mas ganha sentido quando reforçado pelos outros elementos. Em muitos casos ocorre a ausência da fala que pode ser substituída por um som, uma imagem destacada, um enfoque de câmara. Tais recursos ora reforçam a fala ora adquirem independência para se expressarem por si.

Vale ressaltar que, para que o aluno compreenda efetivamente o objetivo do filme, o educador deve preparar sua aula, deve ter em mente sua proposta de ensino e, ainda, conhecer muito bem a película que será apresentada. Para isso, é de suma importância que o educador assista previamente ao filme e prepare as estratégias de leitura que pretende desenvolver: antecipação, seleção de hipóteses, inferência e verificação.

Por meio das perguntas feitas pelo professor, a criança é instigada a pensar, portanto, o papel do professor é fazer as intervenções de acordo com as hipóteses levantadas pelos alunos, lembrando-se sempre de que o discente traz consigo um conhecimento prévio e o professor deve ter o discernimento de levar isso em conta. Nesse sentido, Freire (2004, p. 124) ressalta que,

[...] É imprescindível, portanto, que a es-



cola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.

Isso implica no fato de o professor “provocar” o aluno para que ele possa se expressar e opinar a respeito do que foi visto, retirando-o de sua zona de conforto para que ele levante hipóteses e questionamentos que gerem uma discussão proveitosa.

Uma possibilidade para a finalização da atividade é avaliar oralmente os alunos, questionando-os de forma que eles façam uma explanação dos fatos narrados. Essa atividade vai proporcionar a compreensão da história e o professor poderá sanar as dúvidas que possivelmente apareçam nessa etapa, além de possibilitar que eles aprendam a resumir textos.

Moran (1995, p. 30) apresenta algumas propostas de utilização dos vídeos na sala de aula, entre as quais podemos destacar:

- Optar, inicialmente, por vídeos simples, próximos à realidade do aluno; o educador pode introduzir um novo assunto, despertando assim a curiosidades dos alunos; utilizar o vídeo para compor cenários desconhecidos aos alunos.
- Produzir vídeos com a ajuda dos alunos; embora pequenos, eles têm criatividade e, se bem orientados, podem produzir roteiros simples que podem ser registrados pelo próprio educador. Por meio dos filmes, o educador pode iniciar seus alunos

na linguagem audiovisual, ampliando seu conhecimento sobre cinema e inserindo-os no grupo de admiradores da sétima arte. Além dos filmes de longa-metragem, pode-se explorar documentários e até mesmo programas importantes e de qualidade da própria televisão. Para que isso ocorra, só é preciso dedicação e preparação de um material pedagógico adequado para cada faixa etária e para cada assunto abordado.

- Antes da exibição do filme, o educador deve informar dados importantes referentes ao filme, como: diretor, ano da filmagem, se recebeu prêmios, etc. Durante a exibição, o professor deve questionar, instigar e levantar hipóteses, observar as reações dos alunos, fazendo-o refletir sobre o que está assistindo. Após a exibição, é importante que o educador faça um fechamento, ouça as possíveis dúvidas e comentários. No caso de uma exibição após uma aula de leitura, o professor deve levantar questões para verificar se os alunos compreenderam o objetivo, se o final dos filmes é o mesmo que o do livro, se há diferença entre eles, dentre outros questionamentos pertinentes. Deve-se atentar, também, para o fato da utilização inadequada dos vídeos. Quanto a isso, Moran (1995, p 30) destaca algumas características de sua má utilização:
- Vídeo tapa-buraco: geralmente utilizado quando ocorrem problemas inesperados. Seu uso com frequência pode desvalorizar o uso do vídeo, uma vez que o aluno associa que aula de vídeo é sinônimo de não



ter aula;

- Vídeo-enrolação: o educador exhibe um vídeo sem ligação com o conteúdo, o aluno percebe que o mesmo foi utilizado para “camuflar” a aula;
- Vídeo-deslumbramento: o educador exhibe vídeo em todas as aulas e isso acaba por diminuir a eficácia do vídeo, já que este se torna a única ferramenta utilizada;
- Só-vídeo: “não é satisfatório didaticamente exhibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto da aula, sem voltar e mostrar alguns momentos importantes”

Sabe-se que nenhum recurso sozinho pode resolver os problemas que permeiam a educação, mas se o educador planejar suas aulas e apoiar-se no uso dos diferentes recursos disponíveis, como a linguagem cinematográfica, poderá obter um excelente resultado, uma vez que estará focado em diferentes formas de melhorar a aprendizagem dos seus alunos.

A linguagem cinematográfica utilizada como instrumento de apoio durante as aulas de leitura possibilita que o professor explore o imaginário e a criatividade dos alunos, uma vez que é interessante ampliar o seu repertório cultural, desencadeando novas sensibilidades e linguagens. Nesse sentido, Fantin (2007, p. 8) afirma que:

A potencialidade formativa da produção cinematográfica envolve tanto as dimensões cognitiva, psicológica, estética, social do objeto de estudo e seus diferentes momentos: pré-produção, produção e pós-produção, como as diversas práticas educativas e culturais que configuram a experiência teórica, prática, reflexiva e estética.

Os professores precisam desenvolver

atividades que ampliem o repertório linguístico dos alunos, explorar os recursos discursivos presentes nos filmes e apresentar de maneiras diversificadas histórias conhecidas pelos alunos. É com esse olhar que se apresentam os resultados da pesquisa realizada no 1º ano do Ciclo I de uma escola pública localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo.

A utilização da linguagem cinematográfica em uma sala do 1º ano do Ciclo I

São analisadas, a seguir, atividades realizadas com o uso da linguagem cinematográfica por uma professora do 1º ano do Ciclo I em uma escola situada na Zona Leste da cidade de São Paulo. A educadora fez a leitura do texto do Pinóquio no decorrer da semana e, em outro momento, levou o filme para as crianças assistirem.

A cada dia, ela escolhia um ponto para encerrar a leitura, aguçando, dessa forma, a curiosidade dos alunos em saber o fim da narrativa. Era gratificante ouvir os comentários dos alunos no intervalo e no decorrer da aula, supondo finais para a história. Eles se dividiam entre os que queriam vê-lo como boneco e os que torciam para que Pinóquio se tornasse um menino de verdade. “O Pinóquio só é um boneco de madeira porque é desobediente para o Gepeto”; “Coitadinho do Pinóquio, ele nunca vai ser criança como eu”. Esses e outros comentários eram expressos pelos alunos e, a partir dessas conversas, a professora traçava estratégias para a aula posterior.

Ao retomar a leitura, no dia seguinte, a professora questionava seus alunos a fim de repassar os fatos lidos anteriormente e esse era um momento lúdico, uma vez que todos contribuía narrando a sequência da história, já que ela tornou-se significativa para eles.



Vale ressaltar, que durante a semana da atividade, não houve faltas, exceto uma aluna que esteve doente e ausentou-se por um dia, mas pediu que a professora retomasse a leitura do ponto em que ela havia parado, tamanha era sua curiosidade com a narrativa.

A leitura despertou o interesse e a curiosidade dos alunos, uma vez que a professora soube conduzir a atividade de modo a torná-la agradável e prazerosa. Entende-se por que esse fato ocorreu, pois segundo Freire (2011, p. 29-30):

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Observou-se que a linguagem cinematográfica despertou o interesse dos alunos, sobretudo porque havia diferença entre as duas narrativas, embora se tratassem da mesma história.

Após a exibição do filme, a professora trabalhou, por meio de desenhos, a ordenação dos acontecimentos da narrativa, explorou a roda de conversa e os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre o que mais gostaram; comparar as duas versões; debater sobre a importância de alguns valores descritos nas histórias. Assistir ao filme foi muito proveitoso, uma vez que as crianças puderam visualizar o que imaginaram durante a leitura. Esse fato nos remete a Freire (2004, p. 119) quando ele aponta que se deve instigar o aluno “[...] no

sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido”.

A mesma educadora, durante outra aula, usou o recurso do vídeo, para fazer a leitura do livro “A bota do bode” na televisão. Dessa maneira, os alunos puderam acompanhar a leitura da professora, ao mesmo tempo em que visualizavam as ilustrações. Dessa forma criativa, a professora criou o seu próprio filme. Essa sequência didática teve a duração de uma semana, pois a professora fez a leitura convencional do livro e, em seguida, trabalhou o vídeo entregando apenas as ilustrações para os alunos que conseguiram reescrever a história. Em outro momento, fez o inverso, partindo do texto, os alunos ilustraram as partes da narrativa.

Foi extremamente prazeroso acompanhar a leitura dos alunos, os que ainda não tinham autonomia para ler e escrever convencionalmente criaram sua própria forma de expressão, utilizando-se de palavras presentes em seu cotidiano. Esses alunos usaram a professora como escriba, porém as ideias partiram deles, eles foram os produtores do texto. A esse respeito, Freire, 2010a, p. 61 ressalta:

[...] Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais

Essa atividade aponta o quanto as crianças foram capazes de ressignificar uma dada realidade, pois puderam agir e refletir sobre a ação. Nesse sentido, Freire (2010a) explica que a condição inicial para que um ser possa comprometer-se é a sua capacidade de agir e refletir, pois,



Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se (FREIRE, 2010a, p.17).

As crianças que já escreviam convencionalmente e de forma autônoma, reproduziram fielmente as palavras do autor, uma vez que tinham maior facilidade em assimilar o conteúdo do livro. Fizeram livros belíssimos, cuja atividade culminou em uma exposição na Feira Literária da escola.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL 2000, p. 27-8):

A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita [...]. Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são característicos.

Ambas as atividades demonstram que os recursos estão disponíveis para os professores, o imprescindível é ter criatividade e planejar as aulas previamente. A linguagem cinematográfica é uma ferramenta importante no processo de alfabetização, mas cabe ao educador adequá-la ao seu planejamento, embora, infelizmente, raras são as vezes em que tal recurso é utilizado de forma a contribuir com o processo de alfabetização.

Em outra ocasião, a educadora apresentou um projeto sobre os animais aquáticos. Para isso, utilizou o filme “Procurando Nemo” como ponto de partida, demonstrando aos seus alunos como é a vida de-

baixo d’água. Essa atividade contribuiu para que as crianças entendessem o que realmente significa viver em meio aquático.

Fantin (2007) ressalta que a linguagem cinematográfica desencadeia novas linguagens e sensibilidades, amplia os repertórios culturais e, ainda, serve de fonte de conhecimento, expressão e comunicação. A autora afirma, também, que o uso dos filmes infantis na escola significa:

Uma síntese entre educar para a linguagem, conhecer fazendo e aprender cooperando, valores que podem ser trabalhados quando se discute a necessidade de reorientações didáticas na abordagem operativa para a linguagem das mídias na escola (FANTIN, 2007, p. 8 - 9).

Segundo a autora, é fundamental envolver momentos de estudo sobre a história da arte cinematográfica e reflexão sobre os elementos que compõem a linguagem audiovisual como: música, fotografia, edição, direção, roteiro, etc. Com a mediação do educador, é possível refletir sobre o “gosto e a capacidade crítica para analisar produções culturais a partir de uma visão plural, histórica e contextualizada” (FANTIN, 2007, p. 9).

Vale ressaltar que, hoje em dia, estar alfabetizado não significa somente ler e escrever, mas trata-se de ter conhecimento de mundo, isto é, saber utilizar essas competências socialmente. Portanto, Fantin (2007, p. 5) afirma que o aluno estará alfabetizado se for capaz de “interpretar e problematizar as imagens da TV, de assistir e entender aos filmes, analisar as publicidades criticamente, de ler e problematizar as notícias, saber usar o computador e de produzir outras representações através de diversas mídias”.

Por esse motivo, não se deve excluir a



linguagem cinematográfica do processo de aprendizagem, uma vez que é uma atividade diferenciada que enriquece as aulas. É uma forma de trocar ideias, já que o aluno pode promover a troca de experiências culturais e visuais não somente por meio da linguagem escrita.

Machado *apud* Moran (1995, p. 7) afirma que “é possível criar usos múltiplos e diferenciados para as tecnologias. Nisso está o seu encantamento, o seu poder de sedução”. Os filmes estão cada vez mais próximos da nossa realidade, já que são realizadas pesquisas, a fim de adaptar e criar roteiros com questões relevantes à nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, pode-se afirmar a importância de o educador utilizar a linguagem cinematográfica no processo de alfabetização e do desenvolvimento das múltiplas linguagens dos seus alunos, já que esse recurso agrega conhecimento às aulas e são prazerosas para os alunos.

Vale ressaltar que o educador deve ser capacitado para utilizar adequadamente os filmes e as políticas públicas deveriam investir nessa formação e na montagem de videotecas nas escolas públicas, uma vez que o sucesso das atividades ministradas está inteiramente ligado ao planejamento correto dessa utilização. Portanto, faz-se necessário formar educadores competentes, o que contribui para o desenvolvimento dos educandos.

Uma das competências do professor é escolher uma película pertinente ao conteúdo das aulas e é fundamental ter em mente que o mundo da criança é diferente do mundo dos adultos, portanto, a escolha do filme também deve respeitar essas par-

ticularidades e estar associado a objetivos claros de desenvolvimento das competências do aluno.

É necessário que o professor trabalhe a relação entre o texto escrito e a linguagem cinematográfica, uma vez que se pode estabelecer comparações entre as duas linguagens. Para tanto, é imprescindível que o educador planeje suas aulas, a fim de ressaltar os elementos presentes ou não em cada uma das linguagens.

Essa interação é importante, já que a criança inicia sua comunicação oralmente e, portanto, sua alfabetização deve acontecer de forma gradativa, levando-se em conta o conhecimento prévio da criança, ou seja, sua oralidade, que com o auxílio dos filmes pode ser explorada e, conseqüentemente, melhor desenvolvida.

Além de enriquecer as atividades, o vídeo atrai o aluno, uma vez que o visual motivado é fundamental para o processo de alfabetização. Portanto, o docente que se propõe a utilizar o filme como ferramenta pedagógica deve primar pelo bom aproveitamento e entendimento do conteúdo que pretende abordar com seus alunos.

O educador, além de utilizar o filme no processo de alfabetização, pode explorar a vivência do aluno, promover a troca de ideias, a discussão em grupo, entre outras atividades pertinentes ao desenvolvimento dos educandos. É notório que a contribuição trazida pelo aluno nas aulas deve ser aproveitada pelo professor na hora de planejar suas aulas futuras. A troca de ideias entre educandos e educadores é riquíssima no processo de aprendizagem.

Um aluno que sabe ver uma imagem, compreender um filme, está construindo sentidos que são atividades tão importan-



tes quanto a aprendizagem da leitura e da escrita convencional. Portanto, o cinema se ajusta a um trabalho pedagógico que busca a interação e o aperfeiçoamento do aluno na leitura de novos códigos.

Pelo que foi possível observar na sala de aula, afirma-se a importância de o educador utilizar os filmes infantis no processo de alfabetização e do desenvolvimento das múltiplas linguagens dos seus alunos, já que os filmes agregam conhecimento às aulas, que se tornam prazerosas para os alunos.

Vale ressaltar que o educador deve ser capacitado para utilizar adequadamente os filmes e é dever das políticas públicas investir nessa formação e na montagem de videotecas nas escolas públicas, uma vez que o sucesso das atividades ministradas está inteiramente ligado ao planejamento correto dessa utilização. Portanto, faz-se necessário formar educadores competentes, a fim de contribuir para o desenvolvimento dos educandos. O uso adequado dos filmes em sala de aula enriquece o processo educacional, já que o professor pode e deve integrá-los à sua linguagem escolar.

Uma das competências do professor é escolher uma película pertinente ao conteúdo das aulas e é fundamental ter em mente que o mundo da criança é diferente do mundo dos adultos, portanto, a escolha do filme também deve respeitar essas particularidades, pois deve estar associado a objetivos claros de desenvolvimento das competências do aluno.

É necessário que o professor trabalhe a relação entre o texto escrito e o cinema, uma vez que se pode estabelecer comparações entre as duas linguagens. Para tanto,

é imprescindível que o educador planeje suas aulas, a fim de ressaltar os elementos presentes ou não em cada uma das linguagens.

Essa interação é importante, já que a criança inicia sua comunicação oralmente e, portanto, sua alfabetização deve acontecer de forma gradativa, levando-se em conta o conhecimento prévio da criança, ou seja, sua oralidade, que com o auxílio dos filmes pode ser explorada e, consequentemente, melhor desenvolvida.

Além de enriquecer as atividades, o vídeo atrai o aluno, uma vez que o visual motivado é fundamental para o processo de alfabetização. Portanto, o docente que se propõe a utilizar o filme como ferramenta pedagógica deve primar pelo bom aproveitamento e entendimento do conteúdo que pretende abordar com seus alunos.

O educador, além de utilizar o filme no processo de alfabetização, pode explorar a vivência do aluno, promover a troca de ideias, a discussão em grupo, entre outras atividades pertinentes ao desenvolvimento dos educandos. É notório que a contribuição trazida pelo aluno nas aulas deve ser aproveitada pelo professor na hora de planejar suas aulas futuras. A troca de ideias entre educandos e educadores é riquíssima no processo de aprendizagem.

Um aluno que sabe ver uma imagem, compreender um filme, está construindo sentidos que são atividades tão importantes quanto a aprendizagem da leitura e da escrita convencional. Portanto, o cinema se ajusta a um trabalho pedagógico que busca a interação e o aperfeiçoamento do aluno na leitura de novos códigos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. 2.ed. Brasília: MEC/SEF. 2000. v.2.

FANTIN, M. Alfabetização midiática na escola. In. VII Seminário "Mídia, Educação e Leitura" do 16º COLE. Campinas, 2007a.

FANTIN, M. Algumas possibilidades do cinema em contextos formativos. In. Anais do I Simpósio Internacional de Educação e IV Fórum Nacional de Educação. Torres, RS, 2007b.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2004.

FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2010a.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação?. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2010b.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. 50.ed. São Paulo: Cortez. 2011.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. 1986.

MACHADO, J. L. A. O cinema na escola. Campos do Jordão, 2002. Disponível em: < <http://www.geomundo.com.br/meio-ambiente-40134.htm> >.

MORAN, J. M. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. Tecnologia Educacional, v. 23, n. 126, p. 24-26, set/out 1995a.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação, n. 2, p. 27-35, jan/abr 1995b.

MORAN, J. M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papyrus. 2000.

NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto. 2003.

SILVA, S. T. A. A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura d'O Rei Leão. In:

CHIAPPINI, L. Aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. A escola vai ao cinema. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

Recebido em : 03/03/2014

Aceito em: 17/04/2014